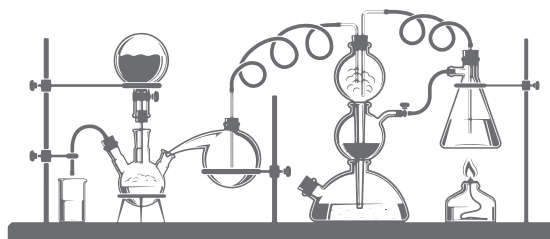


1.

A história da porta



O sr. Utterson, advogado, era um homem sisudo que nunca sorria; frio, comedido e envergonhado na hora de falar; retraído nos sentimentos; também alto, magro, grisalho e tristonho. Apesar disso, ainda conseguia ser uma pessoa amável. Nos encontros com amigos, e quando o vinho era de seu agrado, alguma coisa eminentemente humana brilhava em seus olhos; na verdade, era algo que jamais o acompanhava na conversa. Transparecia, em vez disso, não somente nos sinais silenciosos de seu rosto após o jantar, mas, com maior frequência e com maior vulto, nas atitudes de sua vida. Era austero consigo mesmo; bebia gim quando estava sozinho para testar o sabor das diferentes safras; e, embora gostasse de teatro, não passava pelas portas de um deles havia mais de vinte anos. Contudo, possuía comprovada tolerância com os outros, às vezes surpreendendo-se, quase sentindo inveja, da alta pressão dos ânimos envolvidos nas maldades dessas pessoas. E, em situações extremas, ele era mais inclinado a ajudar que a reprovar.

“Tenho um pendor pela heresia de Caim”, ele costumava dizer. “Deixo meu irmão se entregar ao diabo de forma peculiar: ‘por conta própria’.” Por causa desse temperamento, não raro era seu destino ser o último conhecido respeitável e a última boa influência na vida de homens desregrados. E para gente assim, tão logo chegavam a seu escritório, ele jamais demonstrava a menor sombra de mudança em sua conduta.

Sem dúvida era algo fácil para o sr. Utterson, pois, na melhor das hipóteses, ele era pouco comunicativo e até sua amizade parecia se basear na mesma generosa boa índole. É característica do homem modesto aceitar em seu círculo as amizades preparadas pelas mãos da oportunidade, e esse era o jeito do advogado. Seus amigos eram parentes, gente do próprio sangue, ou pessoas que ele conhecia havia muito tempo. Seus relacionamentos afetivos, como as folhinhas de hera, desenvolviam-se com o tempo, não implicavam nenhuma aptidão do sr. Utterson em cultivá-los. Daí, sem dúvida, o laço que o unia ao sr. Richard Enfield, um parente distante, homem bom conhecedor da cidade. Para muitos, era difícil entender o que esses dois tinham a ver um com o outro, ou quais interesses poderiam compartilhar. Pessoas que os encontravam em sua caminhada aos domingos relatavam que eles não diziam nada, pareciam entediados e saudavam, obviamente com alívio, o aparecimento de algum amigo. Apesar de tudo, os dois homens atribuíam a maior importância a essas excursões, colocando-as como o momento mais precioso de cada semana e não como meras e eventuais ocasiões de prazer, pois resistiam inclusive a convites de negócios para que pudessem desfrutá-las sem interrupções.

Acontece que, num desses passeios, eles se encaminharam para uma viela num movimentado bairro de Londres. Era uma rua pequena, que podia ser considerada tranquila, embora sediasse um comércio próspero nos dias úteis. Pelo que parecia, todos os moradores estavam se saindo bem, todos se rivalizavam na esperança de se sair ainda

melhor e investiam o excedente de seus ganhos em embelezamento, de modo que a fachada das lojas se mostrasse com ar convidativo ao longo da via, como se fossem fileiras de vendedoras sorridentes. Mesmo aos domingos, quando revelava seus encantos mais floridos e ficava com a passagem vazia, a rua brilhava em contraste com o bairro sujo, tal como o fogo numa floresta. E com suas persianas recém-pintadas, os metais bem polidos, a limpeza geral e a alegria digna de nota, instantaneamente captava e agradava o olhar dos transeuntes.

Duas portas depois de uma esquina, na mão esquerda indo para o Leste, a linha era quebrada pela entrada de um pátio. Bem nesse ponto, o bloco de uma certa construção sinistra empurrava seu frontispício por cima da rua. Tinha dois andares de altura, não mostrava nenhuma janela e nada além de uma porta no andar inferior, com um frontão cego de parede desbotado na parte superior, carregando em cada detalhe as marcas de uma negligência prolongada e sórdida. A porta, não equipada nem com campainha nem com aldrava, era descorada e cheia de bolhas. Vagabundos encostavam-se no recuo e acendiam fósforos nos batentes. Crianças colocavam coisas nos degraus, um estudante testava sua faca nos umbrais e fazia quase uma geração que ninguém aparecia para afastar esses visitantes aleatórios ou para consertar os estragos causados por eles.

O sr. Enfield e o advogado estavam do outro lado da viela, mas, quando ficaram de frente para a entrada, o primeiro ergueu a bengala e apontou.

– Já reparou naquela porta? – perguntou. Quando o companheiro respondeu afirmativamente, ele acrescentou: – Está conectada em minha mente com uma história muito esquisita.

– É mesmo? – estranhou o sr. Utterson, com uma ligeira mudança de voz. – Como assim?

– Bem, foi o seguinte – respondeu Enfield. – Eu voltava de alguma parte do fim do mundo, lá pelas três horas de uma madrugada de inverno rigoroso. Meu caminho passava por uma parte da cidade

onde não havia nada a ser visto além de lâmpadas. Rua após rua, e todas as pessoas dormiam, rua após rua, todas iluminadas como se para uma procissão e tão vazias quanto uma igreja, até que finalmente entrei naquele estado de espírito em que o homem escuta, escuta e começa a sentir vontade de avistar um policial. De repente, vi duas figuras: uma de um homenzinho que andava apressado para o Leste, e a outra de uma menina de oito ou talvez dez anos de idade, que corria o máximo que podia por uma rua transversal. Muito bem, senhor, ambos acabaram se trombando quase que de maneira natural na esquina. E então veio a parte horrível da coisa: o homem pisoteou calmamente o corpo da criança e deixou-a gritando no chão. Não dava para ouvir nada, mas era infernal de ver. Ele não parecia um homem, era mais como uma maldita carroça. Dei uma olhada, corri, agarrei o cavalheiro e o trouxe de volta para o local em que já havia um grupo reunido onde a criança gritava. Ele foi completamente frio e não ofereceu nenhuma resistência, mas olhou para mim com uma cara tão feia que me fez suar como se estivesse correndo. As pessoas que tinham chegado eram da própria família da garota. E, num curto espaço de tempo, o médico, a quem foi encaminhada, apareceu. Bem, a criança não estava mal, foi mais um susto, de acordo com os Sawbones. E, então, você deve ter suposto que tudo terminou assim, mas havia uma circunstância curiosa. Fiquei tomado de rancor pelo cavalheiro à primeira vista, assim como a família da criança, o que era natural, mas foi o caso do médico o que me surpreendeu. Ele era um típico boticário, sem faixa etária ou cor da pele identificável, com forte sotaque de Edimburgo e tão emotivo quanto uma gaita de foles. Bem, senhor, ele era como qualquer um de nós. Cada vez que ele olhava para o meu prisioneiro, eu via aquele Sawbones ficar doente e pálido de vontade de matá-lo. Eu sabia o que se passava na mente dele, assim como ele sabia o que se passava na minha. E, como matar estava fora de questão, fizemos nosso melhor papel. Dissemos ao homem que podíamos e faríamos um tal escândalo a respeito disso que

o nome dele ficaria emporcalhado de um lado a outro de Londres. Se ele tivesse algum amigo ou algum crédito, garantiríamos que ele haveria de perdê-los. E o tempo todo, enquanto o lançávamos no caldeirão fervente, mantivemos as mulheres afastadas dele o quanto pudemos, pois eram enfurecidas como harpias. Nunca vi um círculo de rostos com tanto ódio. E lá estava o homem no meio, com uma espécie de frieza obscura e sarcástica. Eu podia perceber que ele estava assustado; mas, tirando isso, senhor, ele realmente parecia Satanás. “Se vocês optarem por levar esse acidente às últimas consequências”, ele disse, “é claro que estarei perdido. Nenhum cavalheiro, mais do que eu, deseja evitar uma cena”, ele acrescentou. “Digam quanto vão querer de indenização.” Bem, exigimos cem libras dele para a família da criança. Era claro que ele gostaria de dar o fora. Para nós, em tudo aquilo havia algo que cheirava à maldade. Por fim, ele cedeu. O passo seguinte seria pegar o dinheiro. E onde você acha que ele nos levou, senão àquele lugar com a porta? Ele sacou uma chave e entrou. Em seguida, voltou com cerca de dez libras em ouro e um cheque do banco Coutts para o saldo restante, a ser pago ao portador, assinado com um nome que não posso mencionar, embora seja esse um dos pontos fortes da minha história; mas, enfim, pelo menos era um nome muito conhecido e muitas vezes publicado. A caligrafia dos números era grosseira, mas a assinatura era bem-feita demais para ser legítima. Tomei a liberdade de dizer ao cavalheiro que todo aquele negócio parecia apócrifo e que, na verdade, um homem não entrava pela porta de um porão às quatro da manhã e saía com um cheque de quase cem libras de outro homem, mas ele estava muito à vontade e zombou: “Calma, vou ficar com vocês até o banco abrir e pagar o cheque”. Assim, todos nós nos juntamos: eu, o médico, o pai da criança, o nosso amigo, e passamos o resto da noite no meu escritório. No dia seguinte, após o desjejum, fomos em grupo até o banco. Eu descontei o cheque, dizendo que tinha todos os motivos para acreditar ser uma falsificação. Nada disso, o cheque era legítimo.

– Puxa vida! – exclamou o sr. Utterson.

– Vejo que se sente como eu – disse o sr. Enfield. – Sim, é uma história ruim, pois o meu cavalheiro era um sujeito que não tinha nada a ver com ninguém, era um homem realmente condenável, e a pessoa que assinou o cheque é o verdadeiro dono dos bens, também muito conhecido, um daqueles companheiros (o que é muito pior) que praticam o que chamam de caridade. É chantagem, acredito, algum homem honesto atolado até o nariz, que paga por alguma estripulia da juventude. Portanto, é de Casa do Chantagista que eu chamo o lugar com essa porta. Mesmo assim, como você sabe, isso está longe de explicar tudo – ele acrescentou.

Com essas palavras, ele entrou num ciclo de reflexão e só voltou à tona quando o sr. Utterson lhe perguntou de repente:

– Sabe se a escrivania onde ele guarda o cheque fica lá?

– Seria um lugar provável, não é? – respondeu o sr. Enfield.
– Mas ele mora numa praça aqui perto e por acaso anotei seu endereço.

– E você nunca perguntou sobre... o local dessa porta? – indagou o sr. Utterson.

– Não, senhor, eu tive esse pudor – foi a resposta. – Eu me sinto muito mal em levantar questionamentos. É como fazer parte de algo bem ao estilo do dia do juízo final. Quando você faz uma pergunta, é como se atirasse uma pedra. Está sentado calmamente no alto do morro, atira uma pedra e depois outra. Então, um vizinho muito velho e sem graça (a última pessoa do mundo em quem você pensaria) é atingido na cabeça no próprio quintal da casa dele, e a sua família tem que mudar de nome. Não, senhor, eu faço disso uma regra minha: quanto mais parecida for com a Queer Street (a rua Estranha), menos perguntas eu faço.

– Decerto uma regra muito boa – elogiou o advogado.

– Mas estudei o lugar por conta própria – continuou o sr. Enfield.
– Quase nem parece uma casa, não há outra porta e ninguém entra

ou sai de lá, a não ser o cavalheiro da minha aventura, de vez em quando. O local possui três janelas que dão para o pátio no primeiro andar, sem nenhuma embaixo. As janelas estão sempre fechadas, mas são limpas. E há uma chaminé que geralmente está fumegando, por isso alguém deve morar lá. Mas não é certeza, pois as construções são tão grudadas com esse pátio que é difícil dizer onde uma propriedade termina e onde começa a outra.

Os dois caminharam por um tempo em silêncio, e então:

– Enfield – disse o sr. Utterson –, essa sua regra é muito boa.

– Sim, acho que sim – retrucou Enfield.

– Então, por causa de tudo isso – continuou o advogado –, há um ponto a esclarecer: quero saber o nome desse homem que pisou na criança.

– Bem, não vejo nenhum mal nisso. Era um homem de nome Hyde – disse o sr. Enfield.

– Hum! E que tipo de homem seria? – Utterson quis saber.

– Ele não é fácil de descrever. Há algo de errado com sua aparência. Ele é desagradável, caído, repulsivo. Nunca vi um homem tão repugnante e, no entanto, mal sei por quê. Ele deve ser desfigurado em alguma parte do corpo, pois provoca forte sensação de deformidade, embora eu não possa especificar o ponto. Não é um homem de aparência normal; mas, na verdade, eu não saberia apontar nada fora do padrão. Não, senhor, não posso fazer nenhum caso disso. Não consigo descrevê-lo e não é por falta de memória, pois declaro que posso vê-lo nesse momento.

O sr. Utterson caminhou outra vez em silêncio, sob o peso da ponderação.

– Tem certeza de que ele usou uma chave? – finalmente ele perguntou.

– Meu caro senhor... – começou Enfield, surpreso consigo mesmo.

– Sim, eu sei – disse Utterson. – Sei que deve parecer estranho, mas o fato é que, se eu não lhe pergunto o nome da outra

pessoa, é porque já sei quem é. Veja, Richard, sua história deu em nada. Se você foi inexato em algum ponto, então é melhor corrigi-lo.

– Acho que você poderia ter me avisado – respondeu o companheiro, com um toque de mau humor. – Mas tenho sido pedantemente exato, como você diz. O sujeito tinha a chave e, além do mais, ainda a tem. Eu o vi usá-la não faz uma semana.

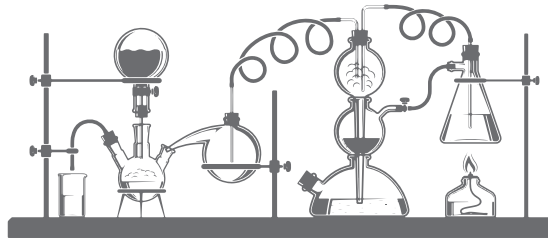
O sr. Utterson suspirou, mas não disse uma palavra. E o jovem logo prosseguiu:

– Essa é outra lição de que não se deve dizer nada – falou. – Estou envergonhado da minha língua comprida. Vamos fazer um acordo para nunca mais nos referirmos a isso.

– De todo o meu coração – disse o advogado. – Estamos de acordo quanto a isso, Richard.

2.

A busca pelo sr. Hyde



Naquela noite, com o espírito sombrio, o sr. Utterson voltou para sua casa de solteirão e foi jantar, mas comeu sem gosto. Aos domingos, quando terminava essa refeição, ele costumava se sentar perto da lareira, com um volume de algum texto religioso em sua mesa de leitura, até que o relógio da igreja vizinha soasse à meia-noite, quando então ia sóbrio e agradecido para a cama. Nessa noite, porém, assim que a toalha de mesa foi recolhida, ele pegou uma vela, entrou em seu escritório, onde abriu o cofre, tirou da parte mais funda um documento em cujo envelope se lia: “Testamento do dr. Jekyll” e sentou-se, com a testa enrugada, para estudar seu conteúdo. O testamento era manuscrito, pois o sr. Utterson, embora tomasse conta desse documento agora que estava pronto, recusara-se a prestar o menor auxílio na sua elaboração, pois previa nada mais e nada menos, no caso da morte de Henry Jekyll, doutor em medicina, doutor em direito civil, doutor em leis, membro da Real Sociedade, etc., que todos os seus bens passariam às mãos de seu “amigo e benfeitor Edward